

Parintins: brincando com arte

Andreas Valentin*

O menino utiliza a tesoura e o pincel com a mesma naturalidade com que domina a bola de futebol. A menina monta as plumas na fantasia como se estivesse vestindo sua boneca. Desde criancinha, desde tempos imemoriais, Parintins *brinca* com arte. *Faz arte, brincando. Respira arte.* E os bois-bumbás Garantido e Caprichoso estão aí, ano após ano, mostrando a arte de Parintins, para todo mundo ver.

Nestes mais de seis anos de muitas idas e vindas à Ilha Encantada para realizar os livros *Vermelho, um pessoal Garantido* e *Caprichoso, a Terra é Azul*, além de inúmeros outros trabalhos ligados a Parintins e ao Festival, tive o privilégio (privilégio este, diga-se de passagem, concedido a poucos mortais!) de vasculhar a intimidade dos QG's – os galpões e ateliers improvisados onde são produzidas todas as peças da apresentação dos bois – e pesquisar um pouco da arte parintinense. Em cada canto escuro daqueles espaços – que por vezes me lembram verdadeiros *penetráveis* de Hélio Oiticica –, em cada rosto compenetrado, eu não canso de me surpreender com a habilidade e a facilidade com que os artistas realizam suas obras.

Os parintinenses têm a arte na alma – são abençoados com o dom divino de transformar tudo em arte. Muito cedo, as crianças já se tornam íntimas da arte. Na Fundação José Furtado Belém – a escolinha que o Caprichoso mantém em Parintins – mais de 500 meninos e meninas de 4 a 15 anos brincam com arte. Trabalhos de colagem mostram rara sensibilidade plástica e apurados sentidos de harmonia e de composição. Naquele ambiente, as crianças aprendem, também, a dominar a música e a dança do boi.

Nos QG's do Caprichoso – um complexo de galpões e diversos outros espaços escondidos pelo lado azul de Parintins – e na Cidade Garantido – o gigantesco QG do boi do coração –, é comum se ver jovens e adolescentes totalmente à vontade com o pincel, tinta, cola, plumas, tecido e os demais materiais que compõem as fantasias dos brincantes de boi-bumbá. Os mais adultos, por sua vez, com muitos anos de prática e muitos festivais vitoriosos, brincam que nem gente grande: artistas consagrados,

*Fotógrafo e designer, professor de História da Arte e autor, em parceria com o jornalista e escritor Paulo José Cunha, dos livros *Vermelho, um pessoal Garantido* e *Caprichoso, a Terra é azul*.



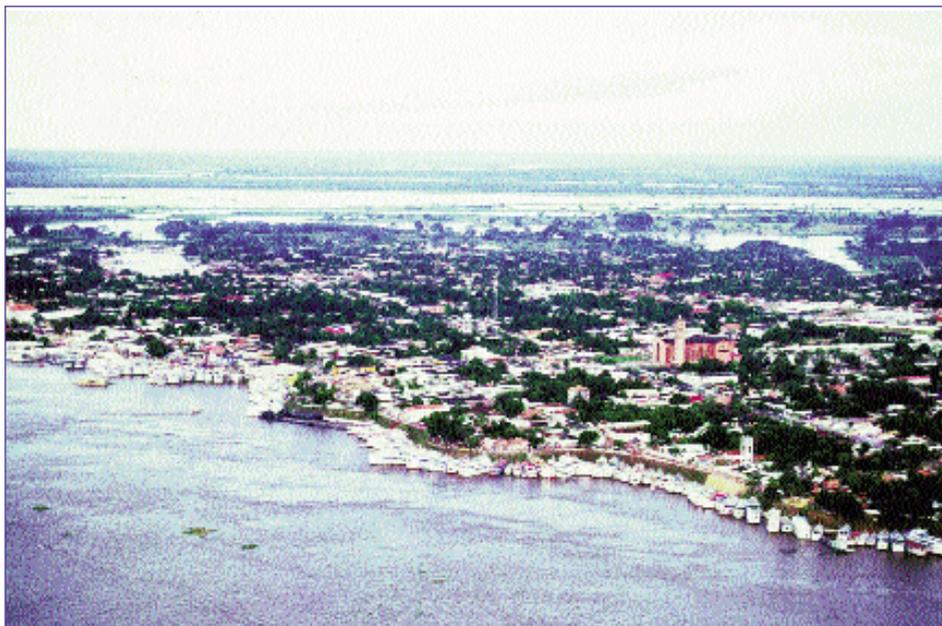


como Jair Mendes, Jairzinho, Karu, Amarildo, Juarez, Ito e tantos outros, responsáveis pelas enormes alegorias que crescem dentro do Bumbódromo nas noites de 28, 29 e 30 de junho. São obras monumentais, tecnicamente complexas, cheias de detalhes, tão grandiosas quanto os rituais e as lendas amazônicas que elas representam.

Os tuxauas, luxo e originalidade, aquelas peças enormes que os brincantes carregam nas costas na sua curta, porém necessária, apresentação no Bumbódromo, sintetizam de maneira grandiosa esta quase que obsessiva paixão artística do parintinense. Aqui, materiais regionais ou sintéticos são acrescentados a uma carcaça de ferro, moldando uma espécie de casulo – gigantesco, colorido e com partes móveis que balançam ao som da toada. Artistas, como Wendell Fontenelle, às vezes passam semanas no interior da floresta à busca de materiais que possam traduzir, nos mínimos detalhes, os delírios por eles imaginados. Palhas, cascas de árvores, sementes dos mais diversos tamanhos, formatos e cores, se misturam à tinta, pastelagem e outras técnicas tradicionais. O resultado é absolutamente surpreendente e indescritível. São meses de pesquisa, projeto e execução, que resultam numa arte totalmente efêmera e descartável: o espetáculo no Bumbódromo dos próprios artistas com suas obras não dura mais do que cinco minutos a cada noite. Em seguida, a obra é desmontada, alguns materiais são reaproveitados para o próximo ano, e o resto – vai pro lixo!

De onde vem tanta habilidade, essa infinita criatividade? Uns dizem que vem com a cheia do rio Amazonas, trazida lá do alto dos Andes. Outros alegam que é realmente uma dádiva divina. Será que está na memória genética, na marcante influência indígena do povo parintinense? Verdade é que neste – e em muitos outros – aspectos, Parintins é única. Em nenhum outro lugar da região Norte faz-se tanta arte, com tamanha intensidade e facilidade. E não apenas para o festival. Em qualquer canto da cidade, basta olhar em volta, para as delicadas casinhas de madeira, pintadas de azul e/ou de vermelho, com padrões gráficos e proporções de fazer inveja a Mondrian! A cada ano aumenta o número de artistas e artesãos que começam a ter seu trabalho reconhecido e admirado.

O parintinense é talentoso, sagaz, inteligente e bem-humorado – características que, certamente, contribuem para as suas aptidões artísticas. Sua arte é mostrada, todos os anos, no Festival de Parintins – hoje, sem dúvida, uma das maiores festas populares do mundo. No entanto, ela ainda é pouco conhecida e divulgada além das fronteiras amazônicas. Não basta apenas colocar Parintins na mídia à época do festival. É preciso, urgente, muito mais: preservar e divulgar a arte parintinense, valorizando cada vez mais o talento e a criatividade deste povo. Parintins precisa continuar brincando com arte, desenvolvendo cada vez suas aptidões naturais e espalhando sua alegria para todo mundo ver.



Parintins prepara-se para os festejos: fileiras de barcos e de pessoas são formadas seguindo os traços sinuosos da cidade.





Os barcos compõem o cenário do Festival.



Os barcos interagem com as pessoas na festa do boi-bumbá. Ambos são fundamentais na sua preservação.





Movimento, cores e alegria – a cidade se transforma no cenário de uma festa de criatividade e magia.



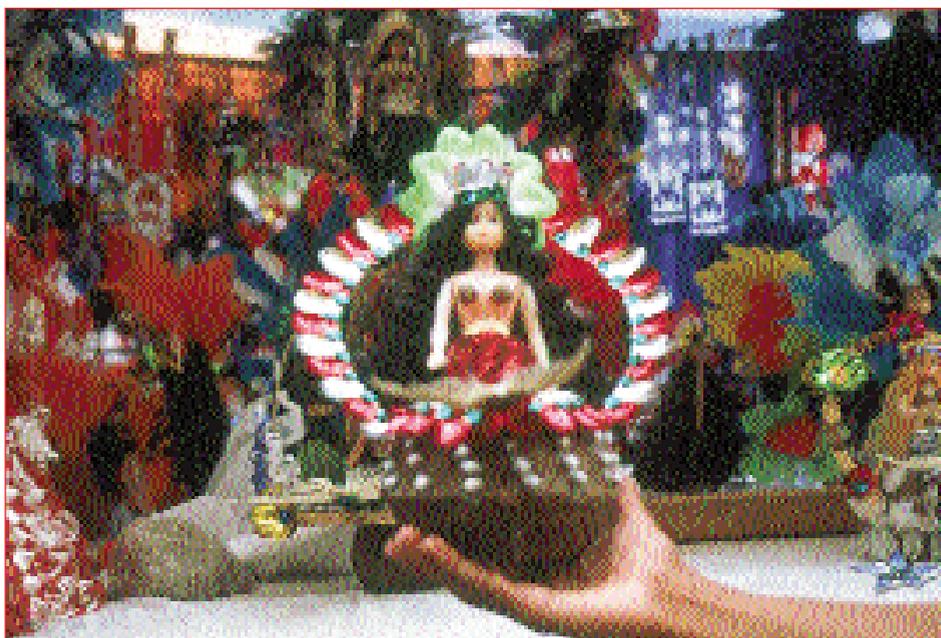


As ruas se enfeitam para a grande festa. Ruas, casas e céu são invadidos por uma profusão de cores.





O comércio de produtos do artesanato da Iha faz parte da festa.





A criatividade dos artistas/artesãos é valorizada nos dias de festa pela aquisição dos produtos – o artesanato mescla-se ao consumismo.





Criação e magia – aspectos que envolvem artistas e brincantes.

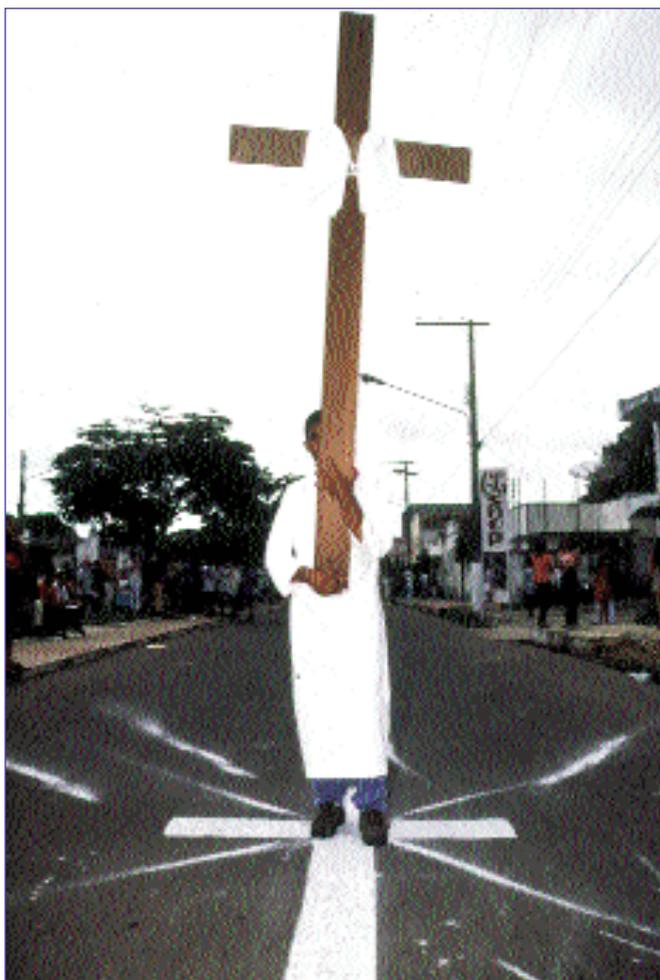


"Palhas, cascas de árvores, sementes dos maiz diversos tamanhos, formatos e cores, se misturam à tinta, pastelagem e outras técnicas tradicionais"

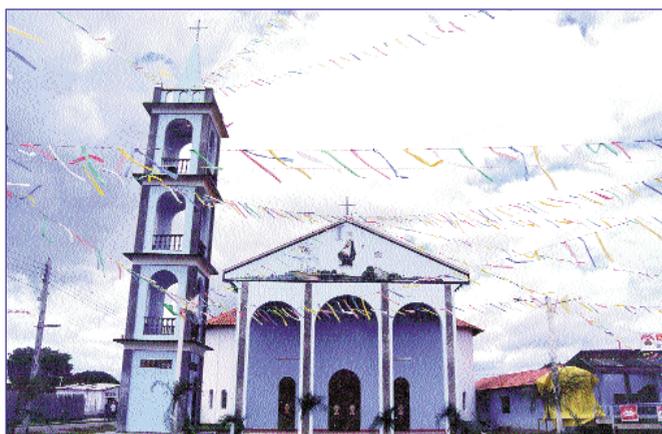




A festa é uma celebração popular que mobiliza a população.



O sagrado está presente na festa de Parintins, mas é nas ruas que as pessoas extravasam sua paixão pelo boi-bumbá.



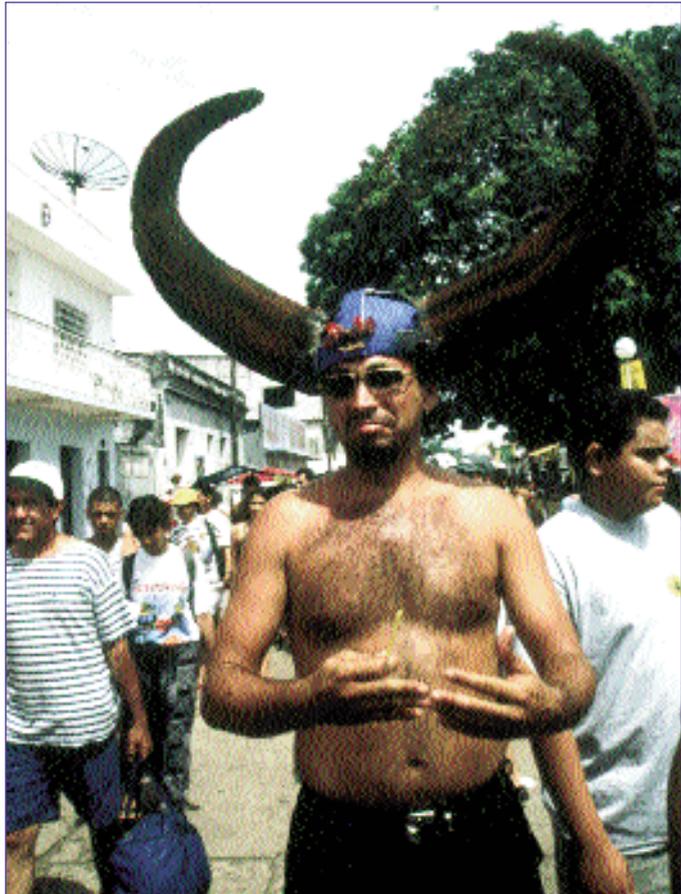


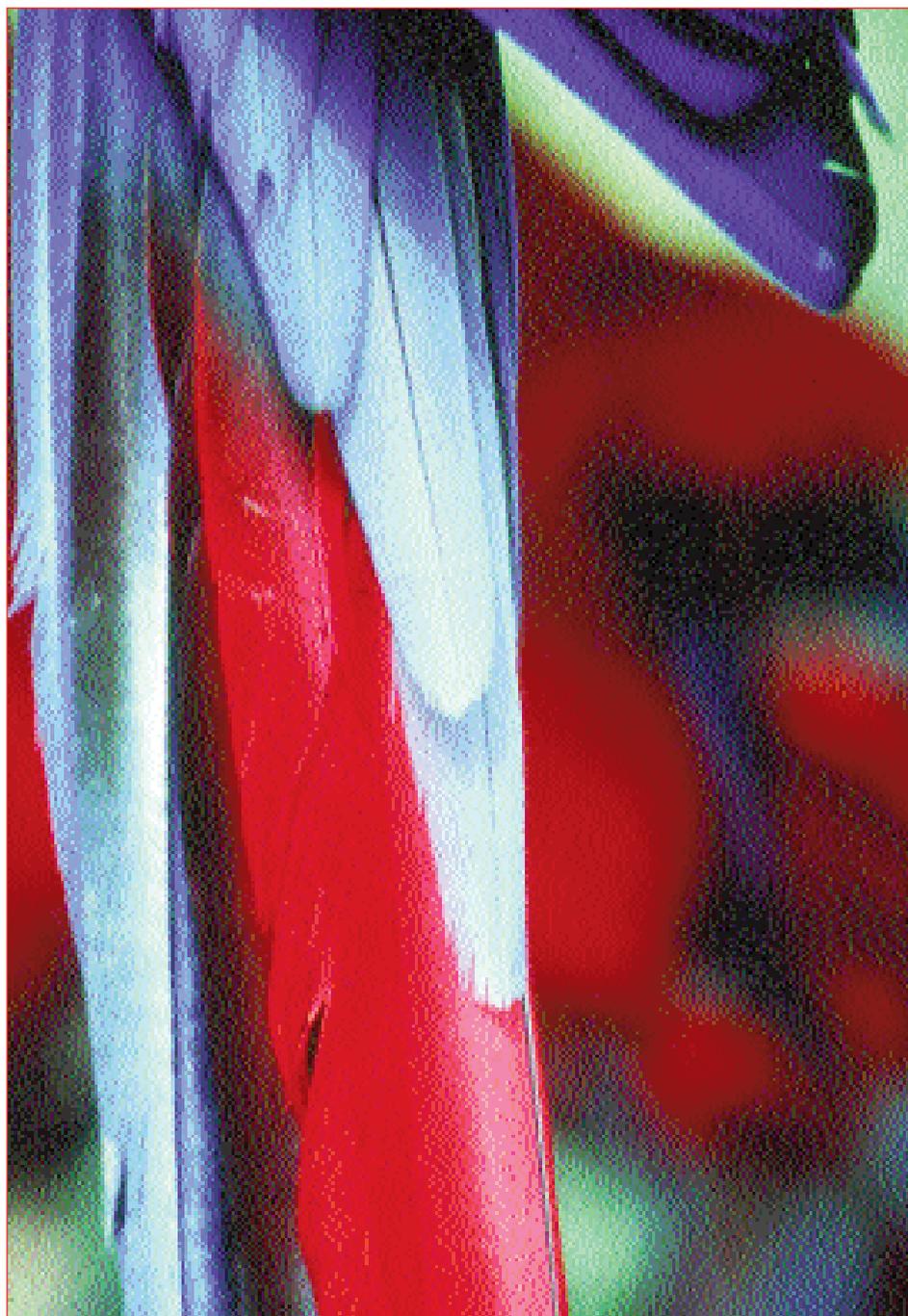
Unidos pela alegria e paixão – todos tomam partido.





O envolvimento das pessoas é total – vai desde a incorporação de adereços à dança específica e descontraída na praça!





Criatividade e beleza dão o tom na composição dos adereços.



Adereços e alegorias usados na festa do boi-bumbá são produzidos coletivamente... como coletivo é o ato de brincar de boi.





Boi e pajé (página seguinte), as principais figuras da festa, promovem um show de movimento e luz que leva toda a arena ao clímax.



Pajé – figura emblemática do espetáculo.





Os adereços (detalhe) enriquecem de formas e cores o plano visual da festa.



Momento máximo, o ritual da pajelança é o instante onde os adereços proliferam e assumem o comando visual da festa.





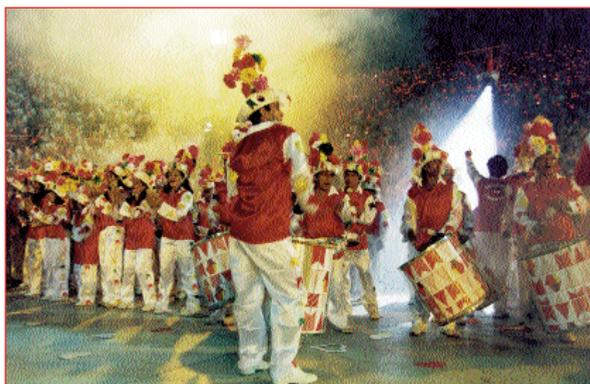
Brincar de boi não tem idade – os mais velhos incorporam a mesma vitalidade dos jovens.





No movimento dos pés, o ritmo e intensidade da festa.





A empolgação das galeras (torcida organizada) contagia os brincantes e transforma a festa em momento mágico de luzes, cores e vida.



O Festival é um grande espetáculo cênico animado pela vibração da torcida.

